

Inglaterra adverte a ONU

Para o primeiro-ministro britânico, a organização perderá sua força se o Iraque não for desarmado

LONDRES—O primeiro-ministro britânico, Tony Blair, advertiu as Nações Unidas ontem de que a autoridade da organização seria destruída caso o Iraque não seja desarmado em breve, por meios pacíficos ou violentos. Adotando uma linha ambígua, porém, Blair tentou ganhar apoio dos centenas de milhares de britânicos que protestaram contra a guerra afirmando que os inspetores terão mais tempo para seguir com seus trabalhos de desarmamento no Iraque.

“Hans Blix (chefe dos inspetores da ONU) apresentou seu relatório ontem (sexta-feira) e será dado mais tempo aos inspetores”, declarou Blair, principal aliado dos EUA em seus planos de ação militar contra Bagdá, em discurso na conferência do Partido Trabalhista em Glasgow (Escócia). Em declarações dirigidas às potências mundiais que se opõem às preparações para uma guerra, Blair também desconsiderou as ações de último minuto do presidente iraquiano Saddam Hus-



Tony Blair, primeiro-ministro britânico: “O conflito, quando vier, será mais sangrento”

sein, que lançou decreto proibindo armas de destruição em massa no país. “Se demonstrarmos fraqueza agora, se permitirmos que o pedido de um novo prazo seja uma desculpa para prevaricação até que o momento de agir passe... a ameaça, e não só de Saddam,

crescerá”, disse Blair. “A autoridade da ONU será perdida e o conflito, quando vier, será mais sangrento”, advertiu. Seu discurso duro representa uma clara rejeição à posição de Rússia, França, China, Alemanha e outros que, em um duelo dramático no Conselho de Se-

gurança na sexta-feira, exigiram mais tempo para as inspeções de armas e para a diplomacia. Em um revés para os EUA e o Reino Unido, os inspetores de desarmamento da ONU pediram mais tempo para o Iraque e afirmaram não ter encontrado provas contra Saddam Hussein.

A POSIÇÃO DOS MEMBROS DO CONSELHO DE SEGURANÇA

ESTADOS UNIDOS

Acusam o governo iraquiano de estar escondendo suas armas de destruição em massa dos inspetores da ONU. Argumentam que apenas o desarmamento do Iraque não é o bastante. O país também acusa o governo do Iraque de cometer violações dos direitos humanos e de dar abrigo a terroristas ligados à rede Al-Qaeda, de Osama bin Laden. Por isso, os americanos pressão o Conselho de Segurança da ONU para apoiar uma operação militar contra Bagdá. Além disso, que os demais países do Conselho de Segurança não venham a apoiar tal operação, os EUA prometem se retirar do Conselho de Segurança, como a Grã-Bretanha.

Interesses na região

As razões econômicas que poderiam justificar uma operação militar americana contra o Iraque são a dependência do petróleo da Arábia Saudita, o principal país exportador para os EUA no Oriente Médio. Os EUA também incluem a ameaça contra o Iraque na sua chamada “guerra contra o terrorismo”, devido ao terrorismo de Saddam Hussein e ao apoio a grupos extremistas no país. Depois da eliminação de 11 de setembro em Washington e Nova York, George W. Bush adotou a política de ataques preventivos contra regimes que podem representar perigo. Uma ameaça para o futuro de Saddam Hussein é a possibilidade de que ele seja necessário para garantir a segurança do país.

FRANÇA

Afirma que a França não tem interesse em uma guerra no Oriente Médio, mas que o Iraque tem armas de destruição em massa e, por isso, a opção da possibilidade de uma operação militar contra o país. Inclusive na busca de uma solução diplomática para o impasse. O ministro da Defesa, Dominique de Villepin, declarou que o país pode usar seu poder de veto no Conselho de Segurança para deter uma nova resolução autorizando uma guerra. Interesses na região O Iraque e a França têm tradição de manterem boas relações econômicas e políticas, e por isso a França vê com cautela a possibilidade de que os EUA possam exercer influência na região, caso Saddam Hussein seja deposto.

do do poder. Em 1974, o presidente francês Jacques Chirac, então primeiro-ministro, disse que Saddam era um “amigo pessoal” seu. Atualmente, cerca de 5% do petróleo importado pela França é de origem iraquiana.

Uma multinacional francesa, a Total-Fina-Elt, mostrou interesse em assumir o controle sobre o campo de petróleo iraquiano de Manjiq, que tem reservas estimadas de até 30 bilhões de barris. Uma operação militar que causasse a mudança do regime em Bagdá poderia representar o fim das esperanças da multinacional. Na década de 70, empresas francesas construíram uma usina nuclear perto de Bagdá, que foi destruída por uma explosão em 1981, e apoiaram o Iraque na Guerra contra o Irã, vendendo-lhe equipamentos militares e outros equipamentos bélicos.

Além disso, por décadas a França esteve no centro das discussões econômicas e políticas na Europa e, segundo analistas, vem tentando, junto com a Alemanha, estabelecer um eixo geopolítico europeu para contrabalançar o poder americano. Alguns especialistas em assuntos militares consideram que a “França está tentando aumentar sua influência política no Oriente Médio” ao se opor à operação contra o Iraque.

GRÃ-BRETANHA

É o principal aliado dos EUA dentro do Conselho de Segurança. As autoridades britânicas acreditam que as “evidências” apresentadas pelos EUA de que o Iraque está desarmando a Resolução 1441 da ONU são suficientes para declarar uma operação militar contra o país. Assim como os EUA, a Grã-Bretanha já enviou tropas para a região do Golfo Pérsico, em preparação para uma operação militar, e disse que poderia atacar o Iraque mesmo sem o apoio do Conselho de Segurança.

Além disso, a posição defendida pela Grã-Bretanha, ao lado de Blair, está sendo criticada não só pela oposição, mas por membros de seu próprio gabinete e por setores da população.

Interesses na região

O Iraque foi um protetorado britânico de 1920 a 1932, e mantinha, até recentemente, boas relações comerciais com a Grã-Bretanha. Em 2001, empresas britânicas compraram mais petróleo do Iraque do que empresas de qualquer outro país. Além disso, há mais de 100 anos, o Iraque tem sido um ponto de partida para as rotas comerciais com o Oriente Médio, como o Egito e a Jordânia, e países que se opõem a uma operação contra o país.



A Grã-Bretanha espera que a mudança de regime em Bagdá possa dar novo alento aos negócios com o país.

RÚSSIA

Durante uma recente visita à França, o presidente russo Vladimir Putin manifestou seu apoio à proposta francesa de que se jure o fim da guerra e a paz no Oriente Médio, por meio de uma resolução da ONU, e afirmou que o país não se oporia a uma operação militar contra o Iraque. Putin declarou que está disposto a usar seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, caso os EUA proponham uma resolução prevendo o uso da força contra o Iraque, sem que sejam tentadas todas as formas pacíficas de resolução.

pacíficas de resolução de crise. Além disso, não descartou totalmente o uso da força contra o Iraque. Segundo analistas, os russos temem que, caso não apoiem a operação, estejam prejudicando as boas relações com os EUA, algo visto como essencial para a recuperação econômica do país.

Interesses na região

Uma mudança de regime no Iraque pode ter graves consequências econômicas para os russos, que têm investimentos no setor de petróleo e exploram outros recursos naturais do país. Depois de terem cancelado um contrato de cerca de US\$ 3,5 bilhões com os russos no ano passado, acordando de abandonar as atividades no Iraque, a Rússia voltou atrás e ofereceu vender contratos milionários de gás aos russos em janeiro. A manutenção dos contratos russos no Iraque dependerá da disposição de um eventual novo governo do país, que pode ter uma influência maior dos EUA.

Por outro lado, a alta no preço do petróleo tem sido um fator crucial na rápida recuperação econômica do país, que é o maior produtor mundial que não pertence à Opep. Além disso, com a possível saída de Saddam Hussein e o eventual fim do embargo econômico imposto ao Iraque, as exportações do país poderiam ficar mais fáceis, e as vendas previstas de petróleo poderiam ser o suficiente para cobrir parte da dívida de US\$ 30 bilhões. A Rússia também se preocupa com o crescimento da hegemonia americana no Oriente Médio, por meio de uma tradição de influência da Rússia.

CHINA

O país se mantém a favor de uma solução pacífica, mas a crise envolvendo o Iraque, embora seja, entre os países do Conselho de Segurança da ONU, um dos menos ativos na resolução da questão.

Nas semanas passadas, depois de reuniões telefônicas com os presidentes dos EUA, George W. Bush, a França, Jacques Chirac, o presidente chinês Jiang Zemin reafirmou o apoio a uma ampliação do prazo para que se faça a destruição em massa no Iraque, mas não se comprometeu a fazer nada.

Assim como a França e a Rússia, a China também não tem encontrado provas contra Saddam Hussein.

Interesses na região

O temor de uma guerra no Iraque está levando a China a tentar acelerar a construção de uma reserva estratégica de petróleo, para se preparar no caso de uma interrupção nas exportações do produto por países do Oriente Médio. Do ponto de vista político, a oposição reativa chinesa em se alinhar com os EUA contra o Iraque pode ser motivada pela desconfiança quanto à ampliação do poder militar americano de seu domínio no Oriente Médio. Por outro lado, a manutenção das boas relações econômicas com os EUA pode ser fundamental para manter o crescimento econômico chinês. Por isso, alguns analistas chineses acreditam que o país pode se abster, no caso de votação de uma nova resolução da ONU autorizando uma operação.

OUTROS MEMBROS

Além dos cinco membros permanentes, são atualmente membros do Conselho de Segurança da ONU outros 10 países: Alemanha, Guiné Equatorial, México, Paquistão, Espanha, Síria, Angola, Bulgária, Camarões e Chile. Esses países não têm poder de veto dentro do Conselho, mas uma eventual resolução aprovando uma operação militar contra o Iraque precisa ser aprovada por pelo menos nove votos. Apesar de não serem membros permanentes, Espanha e Bulgária se destacam entre os países que se alinham com os EUA contra o Iraque, no dia 5 de fevereiro, e apoiam a posição americana de que o Iraque está enganando a ONU. A Alemanha e a Síria, por outro lado, já demonstraram ser a favor de todas as possibilidades de solução pacífica do impasse, sejam as seguintes. Angola, Camarões e Guiné Equatorial são nações consideradas pobres e que têm interesse em ter mais ajuda econômica dos EUA, e o país pode influenciar suas posições no Conselho de Segurança.